



Poder, Culpa e Desculpa

Licenciatura em Assessoria e Tradução

Estudos Interculturais

3º Ano de Licenciatura

Alunos: Victoria Oliveira – 2100168

Docente: Clara Sarmento



Introdução

No âmbito da unidade curricular de Estudos Interculturais, vimos que o termo “poder” é voltado principalmente para a questão da convicção de superioridade de um grupo sobre outro, a vários níveis, como étnico, político-cultural, socioeconómico, religioso, entre outros. A história da Humanidade sempre foi muito marcada por estas diferenças, gerando grandes conflitos, uns mais graves que os outros, entre grupos de opiniões ou culturas opostas. Estes conflitos, levados ao limite, foram os causadores de tragédias irremediáveis. Os afetados sofreram consequências gravíssimas, podendo estas perdurar por muitos e muitos anos, atingindo direta ou indiretamente os seus descendentes. Como exemplo, podemos citar a Europa colonizadora, que ao “descobrir” novas terras, como a América, Índia, Austrália, etc., encontrou povos que eram totalmente distintos, com a cultura, crenças e hábitos totalmente diferentes daquilo que a sociedade europeia da época estava habituada a ver no seu quotidiano. Portanto, na sua conceção, aquilo não prestava, era inferior. Os Europeus achavam-se civilizados, mais inteligentes e cultos, por isso eram superiores a estes povos ditos selvagens. O colonialismo europeu fazia com que eles quisessem a todo o custo “civilizar” esses povos, tornando-os assim iguais a si. Estas sociedades primitivas tiveram as suas terras roubadas, a sua liberdade tomada, foram separados das suas famílias, escravizados e até mortos.

Porém, com o passar do tempo, as estruturas de pensamento das pessoas foram mudando, bem como os contextos socioculturais. Vemos que as sociedades, outrora ditas inferiores, acabaram por se tornar independentes e ganhar o respeito daqueles que um dia as oprimiram. E aqui entra outra questão: já não se fala mais na convicção de superioridade, mas apenas num sentimento de culpa ou vergonha deixados pelos seus antepassados, que os atormenta, ou não, como veremos.

Fazer um pedido de desculpas é sempre algo muito complicado, pois reconhecermos os nossos erros e ainda mais, assumi-los perante outros, implica muita coragem. No entanto, quando se trata de um pedido de desculpas oficial, a questão torna-se mais complexa. Quando um Estado ou uma Nação se vê obrigado a desculpar-se em público por um erro, que muitas das vezes foi cometido pelos seus antepassados, questões como orgulho ou poder são postas em jogo. Reconhecer o seu erro pode ser considerado uma fraqueza. Todavia, ao formular um pedido de



desculpas, não se tem em mente somente o intuito de “fazer as pazes” com o outro. Pontos como a economia e a política, também são tidos em conta. É por isso que, tão importante quanto o pedido de desculpas ser feito, é este ser aceite. Para ilustrar esta situação, podemos fazer menção ao caso do ex-presidente americano, Bill Clinton, que numa viagem oficial por África em 1998, pediu desculpa por todo o sofrimento causado ao povo africano pelos regimes escravistas da Europa e da América.

Sendo os Estados Unidos da América uma das maiores potências mundiais, este gesto teve um grande impacto nos *media* internacionais. Neste caso, reconhecer o erro dos seus antepassados também visa criar uma boa relação política e abrir portas a novos laços comerciais com a África, para além de se redimir perante a comunidade afro-americana, que representa uma grande parte do país.

Este trabalho analisa dois casos muito recentes na memória coletiva: o caso do extermínio dos aborígenes e o dos crimes cometidos pela Igreja Católica.



Primeiro estudo de caso – Pedido de desculpas do Primeiro-Ministro australiano, Kevin Rudd, às “Gerações Roubadas”

Neste primeiro caso iremos abordar as principais razões pelas quais o governo australiano se sentiu na obrigação de se desculpar em público. O discurso, que foi transmitido em direto pela televisão e pela rádio, foi um acontecimento histórico, direcionado à população aborígine da Austrália.

No dia 13 de fevereiro de 2008, o então recém-eleito primeiro-ministro da Austrália, Kevin Rudd, veio a público em rede nacional apresentar o seu pedido de desculpa aos aborígenes, e mais precisamente, às Gerações Roubadas, por todas as injustiças e sofrimentos a que estas foram submetidas durante um período compreendido entre os meados do século XIX e os anos ‘70 do século XX.

Pedimos desculpa pelas leis e pelas políticas de parlamentos e governos sucessivos que infligiram dor, sofrimento e perdas profundas a estes nossos compatriotas australianos.

Pedimos desculpa em especial pela retirada de crianças aborígenes e das ilhas do Estreito de Torres às suas famílias, às suas comunidades e à sua pátria.

Pela dor, pelo sofrimento e pela mágoa destas Gerações Roubadas, dos seus descendentes e pelas famílias que deixam para trás, pedimos desculpa.

Às mães e aos pais, aos irmãos e às irmãs, por ter dividido famílias e comunidades, pedimos desculpas.

E pela indignidade e pela degradação infligidas desta maneira a um povo orgulhoso e a uma cultura orgulhosa, pedimos desculpa.

As Gerações Roubadas foram crianças que, ao longo destes anos, foram separadas das suas famílias e deixadas a cargo da Igreja, do Estado, ou adotadas por brancos. Afastadas de sus famílias e cultura, eram obrigadas a assimilar a cultura europeia. Este povo foi vítima de uma política imposta pelos colonos destinada a extinguir sua cultura.

Já em 1997, um relatório feito pela Comissão dos Direitos Humanos e Igualdade de Oportunidade, *Bring them Home*, recomendava ao governo australiano que se redimisse e pedisse desculpas, e que compensasse de alguma forma estas crianças



afetadas. Porém, o então primeiro-ministro, John Howard, recusou-se com o argumento de que as gerações atuais não tinham culpa pelos erros cometidos pelas gerações passadas, e apresentou uma nota que expressava simplesmente “profundo e sincero pesar por os australianos indígenas terem sofrido injustiças devido às práticas de gerações anteriores”. Todavia, estas práticas não eram assim tão antigas, pois ainda eram presentes em alguns locais durante os anos ‘70, tendo o próprio John Howard entrado no Parlamento em 1974. Como sublinhou no seu discurso, Kevin Rudd: “A década de 1970 não é propriamente um ponto longínquo na antiguidade”, dando assim, aos governos atuais alguma responsabilidade.

John Howard, durante o seu mandato sempre se mostrou reticente acerca da “independência” dos aborígenes. Em 2005, extinguiu uma comissão que representava os aborígenes e as ilhas do Estreito de Torres, e em 2006, restringiu os efeitos da lei dos Direitos dos Aborígenes à Terra. Para resolver problemas que atingiam a sociedade aborígine, como violência, alcoolismo, pobreza e desemprego retirou-lhe sua a sua autonomia, ferindo o seu orgulho.

Depois do discurso de Kevin Rudd, o líder da oposição Brendan Nelson – sucessor de Howard na liderança do Partido Liberal – fez um discurso, por sua vez, em resposta: “A nossa geração não é responsável por estas ações, e nem se deveria sentir culpada por aquilo que foi feito em muitos, embora não em todos, os casos, com a melhor das intenções (...). Mesmo quando motivadas por uma humanidade e por uma decência profundas para ajudar aqueles que mais precisam em condições adversas, as nossas ações podem ter resultados indesejados”. Este discurso não foi muito bem aceite pela população, enfurecendo muitos.

Neste caso, o pedido de desculpas abrange questões também socioculturais, pois as tradições, crenças e línguas aborígenes são partes integrantes da sociedade moderna australiana.

“Vamos agarrar esta oportunidade para desenhar um futuro novo para esta grande terra, a Austrália”.



Segundo caso de estudo – Pedido de desculpas do Papa João Paulo II pelos pecados cometidos pela Igreja católica.

Por muitas vezes, durante o seu papado, João Paulo II, fez menção aos erros cometidos pela Igreja Católica desde sua criação e por centenas de vezes desculpou-se em público. Estes erros são uma grande mancha na história da Igreja Católica, envergonhando os seus atuais representantes e fiéis.

A Igreja, na sua essência, foi criada para passar uma mensagem de amor entre os homens, porém, deixando-se desviar do seu objetivo, principalmente na Idade Média, quando corrompida pelo poder, levou a cabo atrocidades como as Cruzadas ou a Inquisição, sendo atualmente vista como a grande vilã dessa época.

O Papa João Paulo II sempre lutou para dissociar a Igreja da política. E foi durante uma missa celebrada na Basílica de São Pedro para comemorar o início da Quaresma do ano de 2000, que listou todos os pecados que, até então, a Igreja cometera, e pediu perdão a Deus e às vítimas por todos os crimes cometidos.

"Assim, quando o segundo milénio já se encaminha para o seu termo, é justo que a Igreja assuma com maior consciência o peso do pecado dos seus filhos, recordando todas aquelas circunstâncias em que, no arco da história, eles se afastaram do espírito de Cristo e do seu Evangelho, oferecendo ao mundo, em vez do testemunho de uma vida inspirada nos valores da fé, o espetáculo de modos de pensar e agir que eram verdadeiras formas de anti testemunho e de escândalo. Embora sendo santa pela sua incorporação em Cristo, a Igreja não se cansa de fazer penitência: ela reconhece sempre como próprios, diante de Deus e dos homens, os filhos pecadores."

O documento, intitulado “Memória e Reconciliação: a Igreja e as Culpas do Passado” de noventa páginas, pedido pelo então cardinal Joseph Ratzinger, mais tarde sucessor de João Paulo II, lista crimes como:

- Pecados cometidos ao serviço da verdade: intolerância com os dissidentes e guerras religiosas. Compreendem as Cruzadas e a Inquisição.
- Pecados que comprometeram a unidade dos cristãos. Abrangem os grandes cismas, que afastaram os católicos dos ortodoxos e dos protestantes, principalmente.



- Pecados contra os judeus. Referem-se à campanha de depreciação contra o povo judeu e de certa forma ao papel ambíguo da Santa Sé durante a perseguição nazi aos judeus na II Guerra Mundial.
- Pecados contra os direitos dos povos e o respeito da diversidade cultural e religiosa. Aqui o alvo é a evangelização forçada colocada ao serviço da colonização de povos dominados.

E a Verdade reconhecida é fonte de reconciliação e de paz, pois, como afirma o mesmo Papa, "o amor da verdade, procurada com humildade, é um dos grandes valores capazes de reunir os homens de hoje através das várias culturas" (...). Reconhecer as quedas de ontem é ato de lealdade e coragem" (TMA 33). O que abre a todos um novo amanhã.



Conclusão

É certo que a humanidade nunca estará isenta de errar. As consequências dos diversos crimes cometidos por diferentes grupos ideológicos ao longo da História fazem e far-se-ão sentir enquanto perdurar a convicção de superioridade patente em certos grupos. O fato de haver culturas diferentes e estruturas de pensamento divergentes cria uma desarmonia coletiva, fazendo com que uns queiram sempre impor a sua visão do mundo aos outros, levando muitas vezes a guerras, tragédias e crimes. Por mais que se tente reparar os danos causados, estes crimes são irremediáveis. O que é lembrado é a dor das vítimas, o sentimento de culpa e a vergonha pelos erros.

Porém, assumir estes erros é o primeiro passo a ser dado para recuperar a harmonia e buscar a paz. Um pedido de desculpas oficial é a melhor forma de o fazer, pois tem o mundo como testemunha do seu arrependimento. Como visto nos casos analisados, quem acaba por se arrepender são os descendentes de quem cometeu os crimes, pois as estruturas de pensamento mudam e novos valores socioculturais são adquiridos.

Mas será que podemos continuar a desculparmo-nos eternamente? Não chegará o momento em que não haverá mais divergências culturais, e a opinião do próximo será respeitada?



Referências Bibliográficas

- COLONOMOS , Ariel. *Pour une civilité mondiale des excuses*, 2012-12-13 [online]:<http://www.raison-publique.fr/article564.html> [2013-01-21]
- GUIMARÃES , Samuel Pinheiro. *Nação, nacionalismo, Estado* [online]:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142008000100010 [2013-01-21]
- Agência Reuters. *Erros do passado*, 2000-03-15 [online]:
http://veja.abril.com.br/150300/p_057.html [2013-01-21]
- Wikipedia – List of apologies made by Pope John Paul II, 2013-01-14 [online]:
http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_apologies_made_by_Pope_John_Paul_II [2013-01-21]
- Comissão Teológica Internacional. *Memória E Reconciliação: A Igreja E As Culpas Do Passado*, 2000 [online]:
http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfait_h_doc_20000307_memory-reconc-itc_po.html [2013-01-21]
- ABBOTT, Chris. *21 Discursos Que Mudaram o Mundo*. Lisboa: Bertrand Editora, 2011.